

SOBRE A NOÇÃO DE "DICIONÁRIO POPULAR"

José Horta Nunes¹

¹Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários - UNESP
Rua Cristóvão Colombo, 2265 - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil

Abstract. *This paper describes tree types of "popular dictionaries": the dictionary "about people", the dictionary "for people" and the dictionary "of the people". It presents an analysis about three moments of the production of dictionaries in Brazil: the dictionaries of regionalisms and brazilianisms in the end of the XIXth century; the basic dictionaries since the decades of 1930; and the popular dictionaries of the decades of 1970-80. The theoretical approach is the Discourse Analysis and the History of Linguistic Ideas. It's shown the transformations of the "popular dictionary" typology and the discourses that constitute these forms of dictionary.*

Keywords. *discourse; dictionary; history of linguistic ideas; people.*

Resumo. *Este artigo descreve três tipos de "dicionários populares": o dicionário "sobre o povo", o dicionário "para o povo" e o dicionário "do povo". Ele apresenta uma análise de três momentos da produção de dicionários no Brasil: os dicionários de regionalismos e de brasileirismos em finais do século XIX; os dicionários básicos a partir da década de 1930; e o dicionário popular das décadas de 1970-80. A perspectiva teórica é a da Análise de Discurso e da História das Idéias Lingüísticas. Mostram-se as transformações da tipologia de "dicionário popular" e dos discursos que constituem essas formas de dicionário.*

Palavras-chave. Dicionário; discurso; história das idéias lingüísticas; povo.

1. Introdução

Este artigo objetiva abordar a noção de "dicionário popular"¹. Para isso, vamos inicialmente explicitar o que consideramos um "dicionário popular". Após algumas análises de dicionários brasileiros, distinguimos três tipos de dicionários populares, a saber, o *dicionário sobre o povo*, o *dicionário para o povo* e o *dicionários do povo*. Pode-se remeter esses tipos de dicionários a três momentos da *dicionarização*² brasileira. Os dicionários *sobre o povo* aparecem no final do século XIX, no momento da constituição da língua nacional: são dicionários de complemento à língua portuguesa, cuja circulação se restringe a especialistas. Os dicionários *para o povo* surgem nos anos 1930-40: são dicionários fundamentais da língua nacional destinados a um público mais amplo, formado por uma classe média urbana emergente. Os dicionários *do povo* compreendem dicionários populares dos anos 1980 que se opõem aos dicionários gerais: são dicionários parciais que propõem descrever a língua dos sujeitos rurais ou regionais, uma linguagem "rústica" e "original", diferenciada da língua erudita.

Esses três momentos correspondem, em síntese, à constituição da língua nacional, à popularização da língua nacional e à distinção entre a língua nacional e a língua popular. Vamos abordar em seguida cada uma dessas formas de dicionário e de discurso.

2. O dicionário *sobre o povo*

Tratemos de início do dicionário *sobre o povo*. O que consideramos o dicionário sobre o povo aparece no Brasil no final do século XIX: são dicionários de complemento aos dicionários portugueses: dicionários de regionalismos e de brasileirismos. É o momento da constituição da língua nacional, quando o discurso sobre o povo é formulado no dicionário. Define-se, por exemplo, o que é um índio, um mulato, um brasileiro, um quilombola, um paulista, um baiano. Define-se como se faz a agricultura e a cozinha; fala-se do espaço-tempo da nação, fala-se do povo e da natureza. Consideramos que essas obras têm por objeto o povo brasileiro, mas que elas não são destinadas a um público amplo, restringindo-se a um segmento de especialistas que debatem a língua nacional.

O Brasil do século XIX é um país predominantemente rural, mas o dicionário é feito para os letrados, nos centros urbanos em desenvolvimento, como Rio de Janeiro e Porto Alegre. O dicionário sobre o povo faz aparecer as palavras do povo brasileiro e lhes atribui um estatuto lingüístico nacional ou regional. Isto funciona como um argumento para estabelecer a diferença entre o português brasileiro e o português de Portugal.

Um dicionário desse tipo é o *Popularium Sulriograndense*, elaborado em Porto Alegre no final do século XIX. Esse dicionário descreve a língua de uma região do sul do Brasil. A nomenclatura é restrita sobretudo às palavras dessa região. Delimita-se um conjunto de palavras, que são tomadas como signos da língua regional ou nacional. Trata-se então de uma nomenclatura que constitui a língua nacional e que permite distingui-la da língua portuguesa. Por exemplo, a palavra *pindaíba* é mostrada como uma palavra de origem indígena (*pindá* = anzol; *yba* = vara) que toma um sentido específico na língua regional e em seguida nacional ("falta de recurso"). São arroladas também expressões usuais em que figuram essas palavras (*Andar na pindaíba* = não ter recursos). Esse conjunto de palavras e frases torna-se, assim, um argumento para a legitimação de uma língua nacional.

Os verbetes do *Popularium* conjugam definição e etimologia: uso e história. As definições falam da relação entre a palavra e a coisa. Há uma significação dessa relação por meio de formulações do tipo *espécie de*: "peteca - Espécie de pelota achatada...que enchem de penas, simulando um cocar"; e *como*: "pixaim - Cabelo crespo como o dos mulatos". Deste modo, estabelecem-se comparações, semelhanças, diferenciações em relação à língua portuguesa. No que concerne às etimologias, elas constroem a imagem de uma língua que tem história e que se constitui na filiação às línguas indígenas, africanas e dos colonizadores europeus.

As exemplificações no *Popularium* instauram uma discursividade do contexto regional e nacional, colocando em cena, além das expressões em uso, textos literários (de tradição oral), textos gramaticais (gramáticas de línguas indígenas), provérbios, textos históricos. Se consideramos o conjunto desses exemplos, percebemos o percurso da voz dos índios (na etimologia) e a voz dos locutores da "linguagem popular" (nas definições). Os exemplos mostram então a construção de uma história da língua nacional e do povo que a fala.

O dicionário sobre o povo é um dicionário parcial. Ele serve de complemento aos dicionários portugueses até as primeiras décadas do século XX, quando surgem os dicionários sobre o povo "todo", que será também um dicionário "para o povo".

3. O dicionário *para o povo*

Nos anos 1930-40, observa-se o aparecimento de um conjunto de dicionários fundamentais da língua nacional destinados a um público mais amplo. Esses pequenos dicionários são os primeiros a receberem uma aceitação do grande público, quer dizer, um reconhecimento como dicionário brasileiro. Há um discurso sobre o uso e não mais histórico: as etimologias nesse caso estão ausentes.

Os dicionários para o povo são destinados a um público composto de uma classe média urbana, formada pela ascensão da classe trabalhadora e pela ampliação das instituições públicas. Além disso, a industrialização, a profissionalização, o crescimento do mercado editorial favorecem a circulação desses pequenos dicionários concebidos em vista da "urgência" dos trabalhadores, que "não têm o tempo nem o luxo" para utilizar um grande dicionário.

A nomenclatura é constituída por um vocabulário fundamental da língua portuguesa acrescido de brasileirismos. O dicionário nacional constitui-se, então, a partir de um dicionário básico estendido. A retomada dos brasileirismos (marcados nos artigos) reinscreve o discurso popular no dicionário, o que se acentua com a inclusão de gírias e de locuções de uso comum.

As definições são concisas e não apresentam mais comparações com a língua portuguesa, o que afirma a evidência dos sentidos na língua nacional. Em relação aos exemplos, eles são muito raros.

Comentemos brevemente dois dicionários. O primeiro é o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* (1938), que teve várias edições aumentadas de brasileirismos. O segundo é o *Dicionário Popular Brasileiro* (1966), que se baseia no primeiro e que saiu pela mesma editora (a Civilização Brasileira). Os artigos que seguem mostram as definições concisas e o encontro das tradições portuguesa e brasileira:

PAGODE, n. m. Templo pagão, entre alguns povos da Ásia; ídolo adorado nesse templo; divertimento, bambochata, pândega. (Barroso e Lima, 1938, 122)

PAGODE, n. m. Templo pagão, entre alguns povos da Ásia; divertimento, pândega; (Bras.) Zombaria (Luz, 1966, 394)

PACOBIEIRA, n. f. (Bras.) Espécie de bananeira grande (*Musa sapientum*). (Barroso e Lima, 1938, 41)

PACOBIEIRA, s. f. (Bras.) Bananeira; Var.: pacoveira. (Barroso e Lima, 1966, 393)

Não se vê nesses artigos nem provérbios ou frases feitas, nem textos literários. O dicionário recomeça do zero. A partir desse "esqueleto", efetuam-se adições de brasileirismos. No artigo *pagode*, por exemplo, a acepção *Templo pagão, entre alguns povos da Ásia* reproduz de início a significação da tradição portuguesa. Encontra-se essa formulação em dicionários anteriores portugueses. A edição de 1966, que se diz *popular*, acrescenta uma acepção brasileira ("zombaria"). Em *pacobeira*, observa-se o lugar do discurso científico: a edição de 1938 apresenta esse nome de árvore como um brasileirismo e coloca entre parênteses a designação científica, enquanto a edição de 1966, voltada para o povo, recusa o discurso científico e apresenta uma variação ortográfica. Esse gesto de interpretação estabelece uma imagem do dicionário popular que se distancia do discurso da ciência. Para o povo, a linguagem "do povo", quer dizer nesse caso, não científica, não culta e ao mesmo tempo abundante, já que repleta de sinonímias e variações ortográficas.

Chegamos aí à fronteira entre o dicionário "para o povo" e o dicionário "do povo", como veremos a seguir.

4. O dicionário do povo

A partir dos anos 1970, nota-se no Brasil uma distinção entre o dicionário geral e o dicionário popular, que nesse momento é um dicionário parcial que apresenta exclusivamente "palavras populares". Deste modo, em seguida ao aparecimento dos grandes dicionários gerais dos anos 60-70, o sentido de dicionário popular sofre uma transformação. *Popular* nesse contexto toma o sentido de *língua*, ou antes, *linguagem popular*, em oposição a *língua erudita*. A linguagem popular torna-se a linguagem falada por sujeitos não letrados em certas regiões do país. É a imagem que encontramos, por exemplo, no *Dicionário de Expressões Populares*, de Tomé Cabral (1980). O discurso desse dicionário constrói a imagem do povo como ao mesmo tempo "rústico" e "criativo". O sujeito "rústico" é o "homem do campo", o "homem rude", o "sertanejo". E o sujeito "criativo" é "original" em seu modo de falar e criar novas formas lingüísticas.

A confrontação do verbete *pagodear* em um dicionário geral (Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Ferreira, 1975) e no *Dicionário de Expressões Populares* (1982) nos permite mostrar essa discursividade:

PAGODEAR [De pagode + -ar2.]

V. int.

1. Levar vida de estróina; pandegar, foliar, farrear: **"dois longos meses se haviam esgotado sem que o coletor pensasse em outra coisa senão em pagodear com as caboclas à beira do rio"** (Inglês de Sousa, O Missionário, p. 276).

2. Bras. Zombar, escarnecer, mofar, motejar.

V. t. i.

3. Bras. Zombar, escarnecer, mofar, motejar: **Não leva ninguém a sério: pagodeia de todos.**

[Conjug.: v. frear.] (Ferreira, 1975)

PAGODEAR – vi. – Divertir-se em festas, em pagodeiras.

"Na outra noite seguinte

a festa tinha renovo

e Elvira satisfeita

gritava: - Alerta, meu povo,

vamos comer e beber

e pagodear de novo"

(LC-542 15). (Cabral, 1982)

Enquanto Cabral (1980) produz uma definição festiva de *pagodear* ("divertir-se em festas, em pagodeiras"), Ferreira vê antes um sentido de desordem ("Levar vida de estróina; pandegar, foliar, farrear"). De um lado, temos o discurso lúdico atestado pela citação de um verso de literatura popular, cujas rimas reforçam o sentido lúdico. De outro lado, o discurso "sério" que indica a desordem e que coloca em cena citações críticas. A perspectiva da definição, então, é, de um lado, daquele que participa nas festividades e, de outro, daquele que as observa e as coloca à distância.

O dicionário popular, assim, é um lugar onde se apreciam os rituais cotidianos de modo lúdico, enquanto o dicionário geral parece restringir esse gozo dos acontecimentos e sustentar os sentidos da ordem, do sério e da moral.

5. Conclusão

A presença do discurso popular, nos vários sentidos mostrados aqui, configura um traço da gramatização brasileira no século XIX e XX. Ao refletirmos sobre a tipologia de "dicionário popular", visualizamos algumas mudanças nos processos

discursivos, que afetam o objeto dicionário e sua relação com os sujeitos no espaço brasileiro.

Para pensar o processo de gramatização no Brasil, E. Orlandi (2001, p. 15) propõe considerar o caso da extensão do uso de uma língua instrumentalizada (o português) em direção a um outro território (o Brasil). Essa extensão (que denominamos, de acordo com S. Auroux³ *hiperlíngua*) produz certamente diferenciações.

Visto que os dicionários brasileiros se constituem na diferença em relação aos dicionários portugueses, o que consistiu na base desse processo não foi de início uma língua erudita ou letrária, mas antes um saber enciclopédico que toma como objeto o discurso sobre o povo e sobre a natureza.

Vemos assim uma tensão entre a diversidade e a unidade. Enquanto no final do século XIX há uma profusão de dicionários de regionalismos e de brasileirismos, com uma tendência à construção de uma língua nacional a partir de vários centros regionais (tendência à diversidade), a partir dos anos 30 ocorre um movimento de centralização e a conseqüente expansão de uma língua nacional fundamental, onde os falares regionais são excluídos ou então figuram nas margens (tendência à unidade).

Os grandes dicionários brasileiros surgidos nos anos 60 e 70 são marcados por essa historicidade. A partir de uma unidade fundamental, foram adicionados brasileirismos, regionalismos, expressões usuais, textualidades literárias. Desde então, os dicionários brasileiros são mais utilizados no país do que os dicionários portugueses dos quais eles se constituíram e se diferenciaram.

Notas

¹ Este trabalho está relacionado ao projeto "O discurso popular em dicionários brasileiros de língua portuguesa", apoiado em um pós-doutorado pela FAPESP (Bolsa Auxílio Pesquisa/02942-4).

² Consideramos a *dicionarização* como o processo de descrição da língua através do dicionário. Ver J. H. Nunes (Dicionarização no Brasil: causas e processos. In *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. J. H. Nunes & M. Petter (Orgs.). São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes, 2002, p. 89-119).

³ S. Auroux. La réalité de l'hyperlangue. *Langages*, 127. Paris: Larousse, 1997.

Referências Bibliográficas

- AUROUX, S. La réalité de l'hyperlangue. *Langages*, 127. Paris: Larousse, 1997.
- BARROSO, G.; LIMA, H. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira, 1938.
- CABRAL, T. *Novo Dicionário de Termos e expressões populares*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1^a. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira., 1975.
- LUZ, J. B. da. *Dicionário Popular Brasileiro*. Civilização Brasileira, 1966.
- NUNES, J. H. Dicionarização no Brasil: causas e processos. In *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. J. H. Nunes & M. Petter (Orgs.). São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes, 2002, p. 89-119.
- ORLANDI, E. P. (Org.). Apresentação. *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*, E. P. Orlandi (Org.). Campinas: Pontes, Cáceres: Unemat, 2001.
- PORTO ALEGRE, A. J. G. *Popularium sul-riograndense: estudo de filologia e folclore*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1980.